



Referenciações e Categorizações na Cobertura da Morte de Bin Laden: A Ordem do Discurso de Carta Capital¹

Patrícia Paixão de Oliveira Leite²
Raimunda Aline Lucena Gomes³
Universidade Federal de Pernambuco
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Este artigo se propõe a fazer uma reflexão acerca das estratégias de referenciação e categorização utilizadas pela Revista Carta Capital, na cobertura da morte de Bin Laden, em maio de 2011. A partir da sistematização desta análise, pretende-se observar as marcas ideológicas deixadas pela publicação nos enunciados da capa e da reportagem, mapeando como a revista ressignifica este fato jornalístico. Para a contextualização do objeto de pesquisa, também foi elaborada uma análise sobre o papel da mídia, esfera na qual se encontra a Carta Capital. O campo teórico escolhido para tal investigação é o da Análise do Discurso, que propicia uma operacionalização metodológica pertinente a tal observação.

Palavras-chave: Referenciação; Categorização; Análise do Discurso; Ordem do Discurso; Mídia.

Introdução

Pode-se arriscar dizer, sem margem de erro, que a morte de Bin Laden foi noticiada globalmente. Independentemente da mídia acessada, pessoas de todo o planeta, nos grandes centros urbanos, receberam o anúncio proferido pelo governo norte-americano. A imprensa brasileira também dedicou um grande espaço à circulação dessa notícia, com direito a exaustivas análises sobre as consequências desse fato no cenário geopolítico. Essa cobertura midiática foi elaborada por meio de agências internacionais de notícias e/ou do envio de correspondentes ao exterior.

Notadamente, os veículos de mídia adotaram um discurso padronizado ao vincularem Bin Laden ao *mal* ou a expressões que simbolizam o *mal*. A Carta Capital

¹ Trabalho apresentado no DT1 Jornalismo - GP Jornalismo Impresso, XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Ações sobre Democracia e Direitos Humanos da UFPE. (pia_paixao@hotmail.com).

³ Professora do curso de Comunicação Social da UFRN. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE. (aline.lucena@gmail.com).



não fugiu à regra. Apesar de ser considerada uma publicação que sempre tenta inverter a ordem do discurso dos grandes veículos, desta vez a revista semanal também abusou da adjetivação ao categorizar e referenciar Bin Laden nas suas páginas, lançando mão de um amplo leque de expressões simbólicas. Basta observar a manchete de capa. Está lá escrito: “O Ícone do Mal” (Carta Capital, 2011, capa). Interessante observar como a revista carregou na tinta no uso de palavras com esse peso, utilizando até clichês para nomear Bin Laden, entrando na mesma ordem do discurso de outros veículos de mídia.

Para conduzir essa reflexão, este artigo utiliza a metodologia operacionalizada pela Análise do Discurso, que oferece um aporte teórico que contribui para o estudo de texto, articulando “[...] o lingüístico ao sócio-histórico, este entendido como exterior constitutivo daquele. Isso significa que a exterioridade se inscreve no próprio texto e não como algo que está fora e se reflete nele.” (GREGOLIN; BARONAS, 2001, p.109). O contexto interessa a uma investigação com esses propósitos, afinal,

[...]a Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 1999, p.15).

Seria, portanto, vago analisar a materialidade do discurso do *corpus* em tela, sem um deslizamento por sobre o que está em volta, na opacidade do discurso. Cabe aqui, primeiramente, contextualizar sobre o lugar que a Carta Capital ocupa no universo do modelo midiático em vigor, da qual ela é cria, embora com um histórico de inversões da ordem dos discursos que circulam nos veículos de imprensa brasileiros. Por isso este estudo vai se deter também nas teorias sobre o discurso da instituição mídia e o seu poder nas sociedades liberal-capitalistas. Assim, pretende provocar uma inquietação.

Inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominação, servidões, através de tantas palavras cujo uso tanto tempo reduziu as asperidades. Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? (FOUCAULT, 2006, p. 8)

Tomando como objeto de análise a capa e a reportagem com a cobertura (“realidade material de coisa [...] escrita”) da morte de Bin Laden, o presente estudo objetiva refletir



sobre a “ordem do discurso”, seus “poderes e perigos”, suas “lutas, vitórias, ferimentos, dominação, servidões”. E mais, especificamente, como esse discurso jornalístico situa-se na “ordem do discurso” estabelecida. Contribuem para este estudo as reflexões de Foucault (2006, p. 8-9), quando diz:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

A Ordem do Discurso da Instituição Mídia

Os meios de comunicação de massa, sejam privados, públicos ou estatais, denominados de mídias nas sociedades modernas ocidentais, passam a dividir com as instituições do Estado o papel de também controlar, selecionar, organizar e redistribuir a produção dos discursos e, portanto, a produção de sentidos. Os veículos jornalísticos, sobretudo aqueles que não necessitam de licença para funcionar, como revistas e jornais, assumem um lugar preponderante na execução dos “procedimentos de exclusão” (FOUCAULT, 2006, p. 9) aplicados aos discursos. E, segundo Foucault (2006, p. 9-10-17), esses procedimentos podem acontecer por meio da interdição; da separação e rejeição; e da vontade de verdade. E chama atenção:

[...] Dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade, foi do terceiro que falei mais longamente. É que, cada vez mais, o terceiro procura retomá-los, por sua própria conta, para, ao mesmo tempo, modificá-los e fundamentá-los; é que, se os dois primeiros não cessam de se tornar mais frágeis, mais incertos na medida em que são agora atravessados pela vontade de verdade, esta, em contrapartida, não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável. (FOUCAULT, 2006, p. 19)

O discurso jornalístico na mídia massiva/privada, portanto, sofre e impõe a outros discursos todos esses procedimentos de exclusão, mas é a “vontade de verdade” que permanece determinando e condicionando o que se fala, como se fala, quem fala, porque se fala e o que não se fala. E são os silêncios, os não-ditos da “vontade de verdade” dos discursos jornalísticos que explicitam suas relações com o “desejo e o poder” (FOUCAULT, 2006, p. 20).

E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer



esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la. Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal.[...]

A imprensa constrói sua credulidade forjada no “discurso verdadeiro” sendo, desde sempre, como instituição de poder, um dos fatores condicionantes da estrutura social, das relações políticas, econômicas, culturais e ideológicas, sobretudo com a industrialização e privatização das comunicações na era moderna. É elemento fundamental na construção social da realidade que materializa-se também por meio do discurso.

O projeto de universalização do paradigma moderno ocidental capilarizou-se através do fluxo unilateral, do centro à periferia, protagonizado pelos meios massivos de comunicação, principalmente via agências de notícias internacionais. Essa disseminação de informações de cima para baixo, via um modelo centralizado, vem impondo cada vez mais uma ordem de discurso difícil de romper. Carta Capital, ao referenciar e categorizar Bin Laden, repetiu a fórmula da adjetivação exagerada comum aos tradicionais veículos. Foucault talvez dissesse que é muito difícil mudar a ordem do discurso, mesmo com a “vontade de verdade” de se colocar à parte dos modelos midiáticos tradicionais. Há um momento em que a ordem do discurso da instituição mídia é mais forte.

Mídia e Poder nas Sociedades Liberal-Capitalistas

Essa ordem do discurso da instituição mídia, que tanto a Revista Carta Capital procura distanciar-se, é construída, reforçada e sedimentada a partir de condições materiais de produção e circulação dos discursos, aqui, neste caso específico, do discurso jornalístico. Por isso, impõe-se como fundamental nesta reflexão considerar que o entendimento da instituição mídia deve passar pelo estudo dos modelos de desenvolvimento da comunicação empreendidos na modernidade e as possibilidades emancipatórias e/ou repressoras para a humanidade.

O potencial revolucionário da industrialização da comunicação e da cultura estaria, portanto, na forma ou no conteúdo? Ou nos dois? Enzensberger une, na sua



teoria sobre os meios de comunicação e o que denomina também de indústria da consciência, a forma e o conteúdo como potenciais emancipatórios e repressores, dependendo dos interesses a que deveria servir. Sua análise não é, nem de perto, totalizadora. Ele defende o poder revolucionário dos meios de comunicação, mesmo inseridos em uma realidade de indústria, com vistas apenas ao poder por meio do acúmulo de capital. Não deixa de reconhecer que as mídias eletrônicas alavancaram a indústria da consciência, quando “tornou-se o marca-passo do desenvolvimento socioeconômico das sociedades industriais tardias” (ENZENSBERGER, 2003, p.11).

A invasão, por essa indústria, de todos os outros setores da produção, assumindo cada vez mais funções de comando e de controle, determinou o padrão da tecnologia dominante. Esse padrão, chamado a partir do final dos anos 1970 de Indústrias Culturais, consolidou a informação, o conhecimento e os bens culturais como fontes de poder e, principalmente, de capital.

A pauta em questão continua a ser a busca por respostas a pergunta feita por Wolton: “Como salvar a dimensão *humanista* da comunicação, quando triunfa sua dimensão *instrumental*?” (2004, p. 28, grifo do autor), ademais como fomentar a criação de um novo paradigma para a comunicação com base numa unidade dialética entre essas duas dimensões? Wolton, em uma assertiva provocadora, diz que “a comunicação é também uma das frágeis aquisições do movimento de emancipação, uma vez que o seu progresso caminha junto com o combate pela liberdade, pelos Direitos Humanos e pela democracia” (2004, p.27).

Dialogando com Foucault, e entendendo o discurso também como a materialidade dos processos comunicacionais, compactua-se com a ideia de um processo histórico, político, social, cultural e ideológico, mas que é atravessado por algo em comum: o temor da comunicação.

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la *para* os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. (FREIRE, 1987, p.78, grifo do autor)

Uma realidade que demonstra bem todas essas correlações de forças é a dos mercados global e nacionais de comunicação por meio das mídias: são cada vez mais desterritorializados, com intensa mobilidade e capilaridade, promovidos por um modelo universal de concentração midiática, reproduzido nos espaços nacionais. Segundo



Mcchesney (2004, p. 221), as sete multinacionais que dominavam o então mercado da mídia global, em 2001, (Disney, AOL-Time Warner, Sony, News Corporation, Viacom, Vivendi e Bertelsmann) figuravam entre as 300 maiores empresas não financeiras do mundo. Juntas, com relações comerciais nos Estados Unidos, embora somente três sejam realmente daquele país, possuem os principais estúdios de cinema e todas as redes de televisão local, exceto uma; 80% a 85% do mercado de música global; estão na frente na transmissão global por satélite, no mercado de TV a cabo comerciais americanas e do resto do mundo; além de controlarem uma fatia significativa na edição de livros e revistas. As realidades nacionais e regionais, a exemplo da América Latina, com as Organizações Globo, no Brasil; a Televisa, no México; o Clarín da Argentina; e o Cisneros da Venezuela; não funcionam de forma diferente. No Brasil as concentrações - horizontal, vertical, propriedade cruzada, monopólio em cruz – historicamente estão nas mãos de algumas famílias e da elite política (LIMA, 2004, p. 103).

Então é razoável afirmar que a ordem do discurso jornalístico, no marco dos Estados democráticos de direito das sociedades liberal-capitalistas, interdita, segregando e impondo uma vontade de verdade que torna essa própria vontade intransparente, contribui, de forma contundente, com a destruição do potencial emancipatório da comunicação via meios massivos. E todo este cenário tem raízes profundas no que Boaventura (2010, p. 42) denomina de o “regresso do colonial e o regresso do colonizador”. As mídias massivas, por meio do construto da notícia, do fluxo histórico que vai do norte ocidental industrializado e detentor das tecnologias ao sul periférico, subalterno e resistente, tem sido um instrumento importante tanto para o colonial como para o colonizador.

Aqui, o colonial é uma metáfora daqueles que entendem as suas experiências de vida como ocorrendo do outro lado da linha e se rebelam contra isso. O regresso do colonial é a resposta abissal ao que é percebido como uma intromissão ameaçadora do colonial nas sociedades metropolitanas. Este regresso assume três formas principais: o terrorista, o imigrante indocumentado e o refugiado. (SANTOS, 2010, p. 42)

A mídia ocidental é parte da tríade “Estado, mercado e imprensa”, que engendra o processo de sedimentação da sociedade do risco e do medo, realidade da colônia que assombra a metrópole. Neste sentido, a ordem do discurso midiático segue uma lógica que nasce da hegemonia dos países centrais aos países periféricos, de cima para baixo. As fontes concentradoras de informações, como as agências de notícias internacionais, disseminam conteúdos e formas a serem replicadas, sobretudo nos países da América



Latina. E é nesse contexto que gravita a Carta Capital, embora mostrando dispersões e afastamentos dessa realidade, por meio dos discursos que elabora.

Bin Laden no Discurso de Carta Capital: Categorizações e Referenciações



Para facilitar o método de análise, será elaborado um quadro que resume a posição que Bin Laden ocupa nos enunciados da capa, editorial e reportagem da revista em tela. Ou seja, interessa observar a posição do sujeito nessa cobertura, a partir de categorizações e referenciações. As categorias não são nem evidentes nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos. As ciências naturais são, assim, um lugar privilegiado onde se pode observar a dinâmica da categorização e da recategorização e suas evoluções lingüísticas e cognitivas. Mais geralmente, a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender, descrever, compreender o mundo – e lançar, assim, a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal do mundo. (CAVALCANTE, RODRIGUES, CIULLA , 2003, p. 28)



As estratégias discursivas lançam mão de instrumentos para expressar e organizar uma atividade cognitiva sobre o mundo, sobre as pessoas, sobre os sujeitos. Vê-se que a categorização e a referenciação privilegiam a relação subjetiva e social, extraíndo visões de mundo publicamente estabelecidas. E isso é refletido no texto, na atividade discursiva. As categorizações e referenciações elaboradas para denominar e nomear Bin Laden são, então, retiradas dos discursos que circulam. As pistas de acesso são construídas a partir de enunciados que, de alguma maneira, são socialmente aceitos.

A análise conseqüente dos processos de referenciação que participam da constituição de um mundo discretizado, dotado de factividade e fazendo sentido, transforma radicalmente a questão da referência: no lugar de se referir a uma ordem de mundo ideal e universal e à sua nomeação, tentamos explicitar os diferentes níveis nos quais a referência é produzida pelos sistemas cognitivos humanos, utilizando uma ampla variedade de dispositivos e de restrições, aqueles das línguas naturais. A entrada é o reconhecimento do papel central das práticas lingüísticas e cognitivas de um sujeito ‘envolvido’, social e culturalmente ancorado, assim como da multiplicidade, mais ou menos objetivada, mais ou menos solidificada, das versões do mundo que elas produzem. (CAVALCANTE; RODRIGUES; CIULLA, 2003, p. 49)

Todas as categorizações e referenciações relevantes marcadas nos *corpus* foram aqui reelecionadas (em alguns casos, houve repetições) e são consideradas o ponto de partida para entender como os discursos foram sendo construídos. É como se fossem chaves discursivas para iniciar a compreensão do aprofundamento da análise. A maioria das expressões destacadas no quadro estava no texto desta forma. Algumas, porém, foram traduzidas.

Osama Bin Laden
- O ícone do mal (Capa)
- O barbudo-propaganda do terrorismo (Capa)
- O príncipe do terror (Nosso Mundo, pág. 36)
- Insubstituível (Nosso Mundo, pág. 36)
- Personagem carismática, feroz e determinada até a obsessão (Nosso Mundo, pág. 36)
- Líder carismático (Nosso Mundo, pág. 36)
- Príncipe do terrorismo (Nosso Mundo, pág. 36)
- O príncipe da morte (Nosso Mundo, pág. 37)



- Líder da Al-Qaeda (Nosso Mundo, pág. 39)
- Foi abatido com um tiro na cabeça e outro no peito (Nosso Mundo, pág. 39)
- Terrorista (Nosso Mundo, pág. 40)
- Subproduto da Guerra Fria e da luta dos EUA contra o “comunismo” (Nosso Mundo, pág. 40)
- Fundador da Al-Qaeda (Nosso Mundo, pág. 40)
- Líder (Nosso Mundo, pág. 40)
- Instrumento de Alá (Nosso Mundo, pág. 40)
- Galinha dos ovos de ouro (Nosso Mundo, pág. 41)
- Líder do terrorismo planetário (Nosso Mundo, pág. 41)
- Príncipe do Terror (Nosso Mundo, pág. 41)
- O pior e maior dos facínoras (Nosso Mundo, pág. 42)
- Um fanático (Nosso Mundo, pág. 42)
- Adotou a tática do ciberterror (Nosso Mundo, pág. 44)
- <i>Bad guys</i> (Contracorrente, pág. 45)
- Encarnava a Al-Qaeda, símbolo da resistência, cérebro da estratégia do movimento (Nosso Mundo, pág. 47)
- Líder de grupos terroristas periféricos (Nosso Mundo, pág. 47)
- Vilão (Nosso Mundo, pág. 47)
- A voz da Al-Qaeda (Nosso Mundo, pág. 47)
- Carismático (Nosso Mundo, pág. 49)

Pode-se observar que há um exagero de categorizações e referências sobre Bin Laden. E como as categorizações e referências emergem de um contexto, para serem geradas e entendidas dependem de conhecimentos de mundo e competências cognitivas similares e partilhadas. São versões publicamente aceitas. “Ícone do mal”, “príncipe da morte”, “barbudo-propaganda do terrorismo”, “líder carismático”, “príncipe do terror”, “líder do terrorismo planetário”, “o pior e maior dos facínoras”, “instrumento de Alá” são algumas das fortes expressões utilizadas pela revista para referenciá-lo e categorizá-lo. Ou seja, a publicação entrou na ordem do discurso dos veículos tradicionais que recorreram ao sensacionalismo para traduzir a morte de Bin Laden. Ao fazer isso, a Carta Capital, assim com a grande imprensa, espetacularizou a morte do representante da Al-Qaeda



na cobertura do fato jornalístico. Via de regra, essa estratégia é parte de uma lógica de mercado de *vender revista*, de exercer o papel de esfera privada e lucrativa.

A Carta Capital, por meio dessas nomeações, utilizou versões publicamente reconhecidas, repetindo um discurso, que, em última instância, pode contribuir para realmente tornar Bin Laden um ícone da história recente mundial. Ao que parece, há um reforço da imagem do “grande líder do mal”. Será que era esse discurso que a Carta Capital queria mesmo reforçar? Será que era esse o efeito de sentido pretendido? Será que desta vez a revista não pretendeu buscar um “lugar de fala” diferenciado da grande mídia, como sempre faz? Difícil dizer, até porque, como Foucault teorizou:

Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que ‘se dizem’ no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, *são ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer. Nós os conhecemos em nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto, e que chamamos de ‘literários’; em certa medida textos científicos. (FOUCAULT, 2006a, p. 22)

A Revista Carta Capital, como qualquer outro veículo, estabeleceu desde sempre com o seu público um contrato subliminar de leitura, que gerou uma relação de troca de sentidos entre emissor-leitor, em reciprocidade de influência. Talvez a revista, nesta cobertura específica, tenha quebrado a expectativa do seu leitor, ao repetir um discurso que circulou, quase padronizado, acerca da morte de Bin Laden, de acordo com o que foi observado por meio das categorizações e referências. Resignificou apenas o que se espera da imprensa, de um veículo de mídia, com toda a sua filiação a uma estrutura sólida de poder. Foucault (2006a, p. 7) diria:

E a instituição responde: ‘Você não tem porque temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém.

Considerações Finais

Por mais que se reconheça que é comum na prática do jornalismo, sobretudo o impresso, recorrer-se a nomeações para não repetir palavras (considerado um “vício” a ser superado pelos jornalistas), não se pode deixar de observar o exagero das



referenciações e categorizações sobre Osama Bin Laden, que se transformou em um sujeito-personagem na reportagem, como aconteceu em tantas outras coberturas midiáticas sobre a sua morte. Ressalte-se, no entanto, que a Carta Capital realizou uma cobertura séria, analítica, contextualizada, ponderando todas as intenções por trás do jogo político que envolveu a morte do representante da Al-Qaeda. E, sobretudo, levantando reflexões sobre a postura americana frente aos conflitos internacionais. Mas o que está em voga aqui é a opacidade do discurso. O que está nas filigranas da ordem do discurso da instituição mídia.

A revista entra numa ordem do discurso preestabelecida de “como se deve comportar a mídia perante um ‘terrorista’”. É um exemplo claro de como a mídia ocidental dissemina discursos - do centro à periferia, da metrópole à colônia, da experiência civilizatória moderna ao mundo subalterno da barbárie. Por outro lado, vê-se por meio desta análise que a estratégia do sensacionalismo reforça uma iconização pós-morte de Bin Laden.

Essas referenciações e categorizações serviram mais para mitificar o personagem-sujeito do que desconstruir a sua imagem. É justamente assim a permanência também da Carta Capital na ordem do discurso, uníssona e universal, que reforça a “exclusão”, a “separação”, a “vontade de verdade” sobre a morte de Bin Laden. Talvez Foucault dissesse que há uma ordem arriscada do discurso, que é difícil romper (Ver Foucault, 2006.a). A intenção da Carta Capital em sempre demonstrar independência em relação aos poderes vigentes, pode naturalmente ser traída por uma ordem que está impregnada nos diversos discursos que circulam na sociedade, a partir das identidades, crenças, valores, culturas, que fazem sentido para determinado povo. E acaba por entrar numa ordem arriscada do discurso midiático, de retomar um conjunto de já-ditos.

Referências bibliográficas

CARTA CAPITAL. **POLÍTICA, ECONOMIA E CULTURA: O Ícone do Mal**. Ano XVI, nº 645. São Paulo: Ed. Confiança, 2011.

CAVALCANTE, Mônica; CIULLA, Alena; RODRIGUES, Bernadete Biasi. (Orgs.). **Referenciação**. (Coleção clássicos da lingüística). São Paulo: Contexto, 2003.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 13^a. ed. São Paulo, Edições Loyola, 2006.

GOMES, R. Aline L. **A Comunicação como Direito Humano: um conceito em construção**.
Dissertação de Mestrado. UFPE, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto. (Orgs.). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2001.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Textualidade**. Campinas (SP): Pontes, 2006.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas (SP): Pontes, 2005.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas (SP): Pontes, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: UnB, 2004.